

**INFORMAÇÃO E TRANSFORMAÇÃO: reflexões sobre o futuro da biblioteca\*****JAIME ROBREDO**

Departamento de Biblioteconomia  
Universidade de Brasília  
70910 Brasília, DF

Após analisar o papel da informação, na sociedade moderna, como fator de poder e desenvolvimento, o autor estuda o perfil do novo profissional da informação, numa sociedade informatizada. Considera-se com especial atenção a evolução que o conceito de biblioteca deve sofrer em setores que apresentam diversos níveis de desenvolvimento.

**1. INTRODUÇÃO**

Tanto foi falado nos últimos tempos sobre o impacto do advento da informática em todos os setores da sociedade (1)-(5) que parece fora de propósito voltar ao assunto, por ocasião de um congresso de informática, qualquer que seja a área ou setor ao qual nossa atenção possa se dirigir.

Pareceria, entretanto, que a influência de certos fatores ainda não foi considerada — ou interiorizada — com força ou atenção suficientes por todos os integrantes de um setor de atividade chamado a desempenhar, nos próximos anos, um papel chave na hegemonia das nações e na sobrevivência dos povos. Trata-se do setor que os mais conservadores chamam biblioteconomia e documentação, e os mais avançados ciência da informação.

O alerta de que alguma coisa estava mudando, e mais ainda deveria mudar, no perfil do bibliotecário/documentalista ou, de forma mais geral, do intermediário de informação, já foi dado, há alguns anos, nos países mais desenvolvidos, ao

---

\* Comunicação apresentada no Seminário de Informática na Biblioteconomia, realizado em Brasília, de 24 a 25 de abril de 1985, no quadro do VII Congresso Regional de Informática. Brasília, 21 a 26 de abril de 1985.

tempo que se considerava, de um novo ângulo, a evolução do conceito de biblioteca e de sistema de informação (6), (7). Também no Brasil, nos últimos anos, diversos autores vêm se debruçando sobre o assunto (5), (8)-(13).

A entrada do Brasil na era da informática — e da telemática — torna previsível o aparecimento de tensões resultantes de distorções e questionamentos diversos, no processo de adaptação dos intermediários da informação às novas condições de uma sociedade em evolução, na qual são cada vez mais fortes e dramáticas as diferenças entre os setores que tratam de elevar-se a um nível de avanço tecnológico quase equivalente ao dos países industrializados e aqueles setores marginalizados, que de tudo carecem.

Percorreremos, neste trabalho, alguns aspectos referentes:

- à relação entre desenvolvimento ou poder e domínio da informação;
- ao novo perfil do profissional da informação numa sociedade informatizada;
- às perspectivas da evolução do conceito de biblioteca em setores de diversos níveis de desenvolvimento.

Cabe esclarecer que a intenção do trabalho não é apresentar propostas com vistas à solução de problemas concretos, mas sim formular questões, de forma que, se ao final desta exposição as dúvidas e interrogações dos ouvintes forem maiores do que eram inicialmente, poderei considerar atingidos os meus objetivos.

## 2. A INFORMAÇÃO COMO FATOR DE PODER E DESENVOLVIMENTO

Num recente artigo, Vitro (14) afirma: "O setor de informação sempre existiu como um componente da ciência. O que faltou foi o reconhecimento, a análise e o entendimento do papel-chave desempenhado pelo setor de informação nas transformações sociais e econômicas", e acrescenta: "O desenvolvimento é a aplicação de informações aos fatores de produção (capital, recursos humanos e tecnologia), de forma a satisfazer eficientemente as diversas demandas da população". O autor, partindo do pressuposto de que "o crescimento do setor de informação reflete a capacidade de qualquer economia para:

- aumentar o valor dos fatores de produção e, conseqüentemente, criar nova riqueza;
- distribuir essa nova riqueza de forma mais eficiente e eqüitativa",

sugere, como mecanismo para diminuir a diferença de riqueza entre os hemisférios Norte e Sul, desenvolver a transferência de informações no sentido nortesul. Na figura 1 encontra-se representada a situação atual e sua possível modificação, no sentido de um novo equilíbrio.

Esta visão otimista é fortemente contestada pelos fatos, já que, como observa Polke (15), analisando o processo de transferência de tecnologia dos países avançados para o Brasil, "após mais de 30 anos de intensificação do processo de

industrialização, tornaram-se mais agudos os problemas de dependência externa do País”.

O autor deste trabalho já havia alertado, em 1975, para as dificuldades de implantação de sistemas e redes de informação nos países em desenvolvimento, a partir de tecnologias importadas dos países mais avançados (16). Saracevic (17),

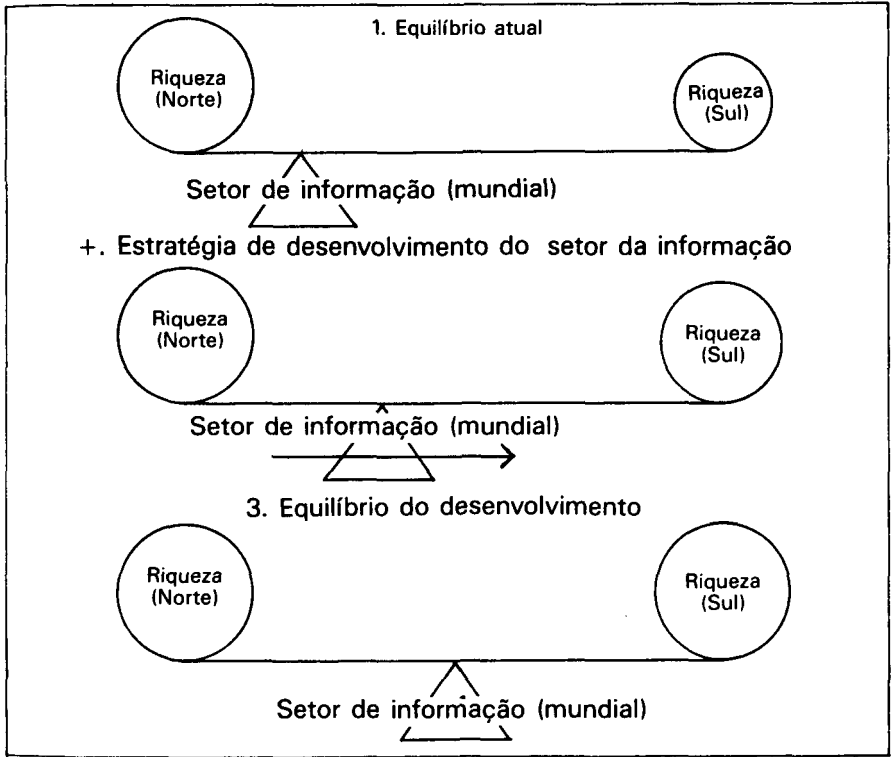


Fig. 1

Rosenberg (18) e Cunha (19) sustentam os mesmos pontos de vista, quando estudam a situação da informação científica e tecnológica na América Latina, em particular no caso do Brasil. Lemos (20) lembra que “não existem soluções mágicas para questões como a transferência e aplicação da informação para o desenvolvimento econômico e social, o diálogo norte-sul ou a cooperação entre países em desenvolvimento. Por outro lado, os problemas que enfrentamos no campo da transferência da informação não devem ser computados exclusivamente à ação das nações desenvolvidas. Também nós, profissionais da informação, e os usuários a que temos de servir, temos responsabilidade nessa situação, seja por omissão, seja

por alienação, seja por absorção acrítica e passiva de idéias que nada têm a dizer nesta parte do mundo”.

Neste ponto é importante lembrar que tudo parece indicar que a passagem da sociedade americana dos anos 80 a uma economia de elevada tecnologia deverá produzir, em curtíssimo prazo, um impacto social e econômico muito maior do que a passagem à economia industrial, no século passado. Dentro de alguns anos, os países industrializados serão os países subdesenvolvidos, onde a mão-de-obra é barata, e neles tenderão a instalar cada vez mais as empresas multinacionais e suas indústrias poluentes. Os países desenvolvidos serão os países informatizados, com indústrias limpas.

A *desindustrialização* progressiva dos países industrializados, que ocupam cada vez mais pessoas nos setores da informação e de serviços, observa-se claramente na figura 2, extraída do trabalho de Porat (21), citado por Cronin (7) e Freund (22), e na tabela 1 (14).

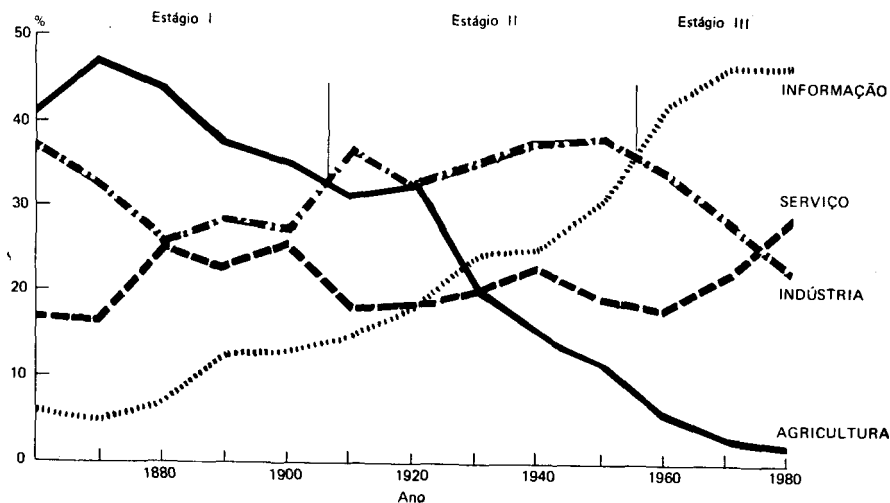


Figura 2 — Porcentagem da mão-de-obra nos Estados Unidos, distribuída em quatro setores, no período 1860-1980.

O novo conceito de informação/comunicação na sociedade informatizada está magistralmente representado na figura 3, extraída de obra de Masuda (4), citada por Cronin (7).

Na figura 4, extraída de um trabalho de Bell (23), citado por Freund (22), encontra-se caracterizada a tecnologia da informação como uma integração das técnicas da computação, e das técnicas das comunicações. Essas técnicas apóiam-

TABELA I – Ocupação da força de trabalho em vários países industrializados

País	Anos	Informação	Serviços	Indústria	Agricultura
França	1954	20.3	24.1	30.9	24.7
	1975	32.1	28.1	29.9	9.9
Japão	1960	17.9	18.4	31.3	32.4
	1975	29.6	22.7	33.8	13.9
Suécia	1960	26.0	26.8	36.5	10.7
	1975	34.9	29.8	30.6	4.7
Reino Unido	1951	26.7	27.5	40.4	5.4
	1971	35.6	27.0	34.2	3.2
Estados Unidos	1950	30.5	19.1	38.4	12.0
	1970	41.1	24.1	31.5	3.3
Alemanha	1950	18.3	20.9	38.3	22.5
	1978	33.2	25.9	35.1	5.8

se, em todas as suas áreas de aplicação, resultantes de sua mútua fertilização, na mais avançada tecnologia eletrônica, ou, mais exatamente, no tratamento eletrônico integrado da informação.

É interessante lembrar que, em 1962, Price (24), analisando o crescimento exponencial da produção científica e tecnológica nos Estados Unidos, e mais particularmente no setor da indústria eletrônica, chegava à conclusão que, para poder se manter o ritmo de expansão observado, no limiar do ano 2000 estaria trabalhando ou participando, nesse setor, toda a população ativa do mundo (figura 5).

Espantoso? Talvez não, já que tanto as atividades de informação como as atividades de prestação de serviços beneficiam-se cada vez mais dos recursos da eletrônica, e a indústria, a agricultura e a vida cotidiana encontram-se impregnadas das aplicações da tecnologia eletrônica.

As informações recebidas em casa, na tela do televisor, por telefone, a disseminação da informação via satélite, são, a cada dia que passa, consideradas como uma nova possibilidade mais próxima. O videotexto e as publicações eletrônicas (25) já estão aí, e o volume de negócios, nesta área, estima-se que em 1990 atingirá os 60 bilhões de dólares, mesmo se, em função da capacidade de adaptação dos editores, da capacidade de aceitação dos usuários, do valor e interesse intrínsecos das próprias informações divulgadas, não seja ainda possível prever se se tratará de 60 bilhões de lucros ou de perdas (26).

## Informação e Transformação: Reflexões sobre o futuro . . .

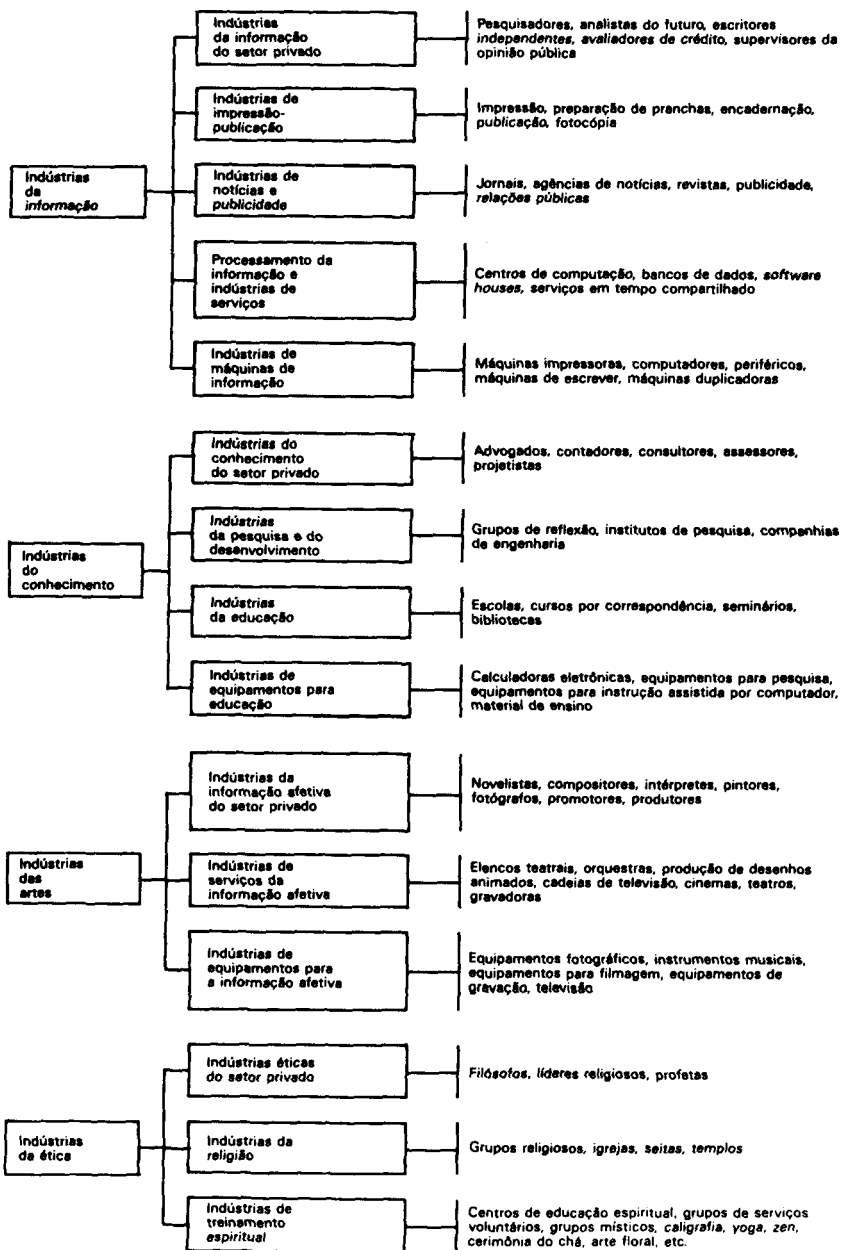


Figura 3 – Indústria/atividades quaternárias.

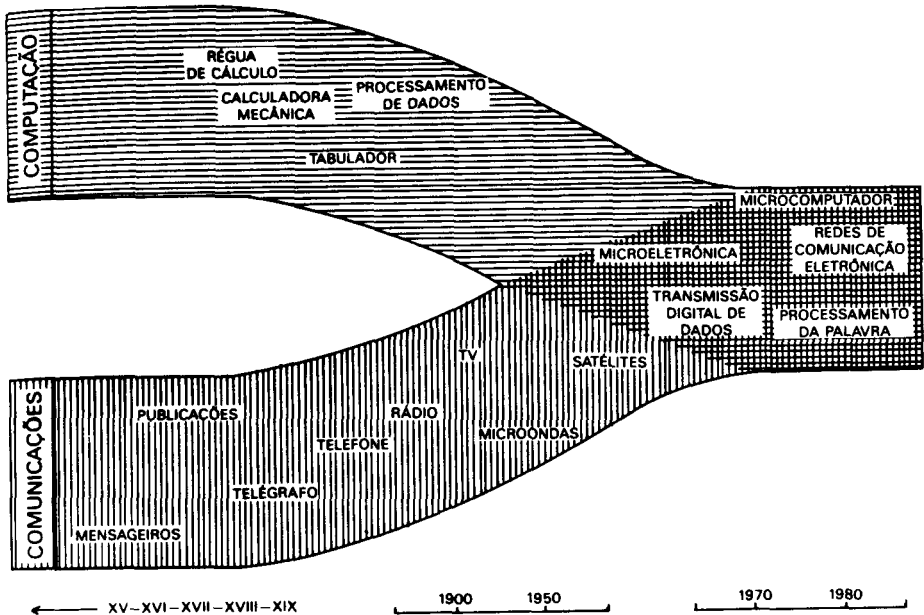


Figura 4 – Tecnologia da informação

Ethevaldo Siqueira, na sua coluna **Futuro**, na Folha de São Paulo, lembrava recentemente (27) os encomiásticos comentários de Masuda em relação ao projeto Ciranda e ao seu descendente, o Cirandão: "... a formação dessa comunidade informatizada com âmbito nacional, no Brasil, é uma das experiências mais fascinantes que poderiam ter sido conduzidas em todo o mundo. Nessa associação entre informática e as telecomunicações, característica da nova sociedade, o Brasil me surpreende..."; "O maior risco que ameaça os países do terceiro mundo que permanecerem à margem do desenvolvimento tecnológico e da informação será a criação de um novo *gap*, muito mais sério do que o abismo que hoje separa essas nações do mundo desenvolvido". Em termos práticos, os países subdesenvolvidos do ano 2000 serão aqueles que não tiverem implantados os seus setores quaternários da nova ordem sócio-econômica.

Consideradas as coisas sob este ângulo, compreende-se melhor o significado do confronto premonitório ocorrido no seio da UNESCO, organismo das Nações Unidas para a educação, a ciência e a cultura, entre os países mais desenvolvidos e a comunidade do terceiro mundo, a propósito da chamada **nova ordem da informação**. Num vigoroso artigo, Harrell-Bond e Cader (28) transcrevem o sentimento de diversos países africanos, denunciando que o debate sobre a **nova ordem da**

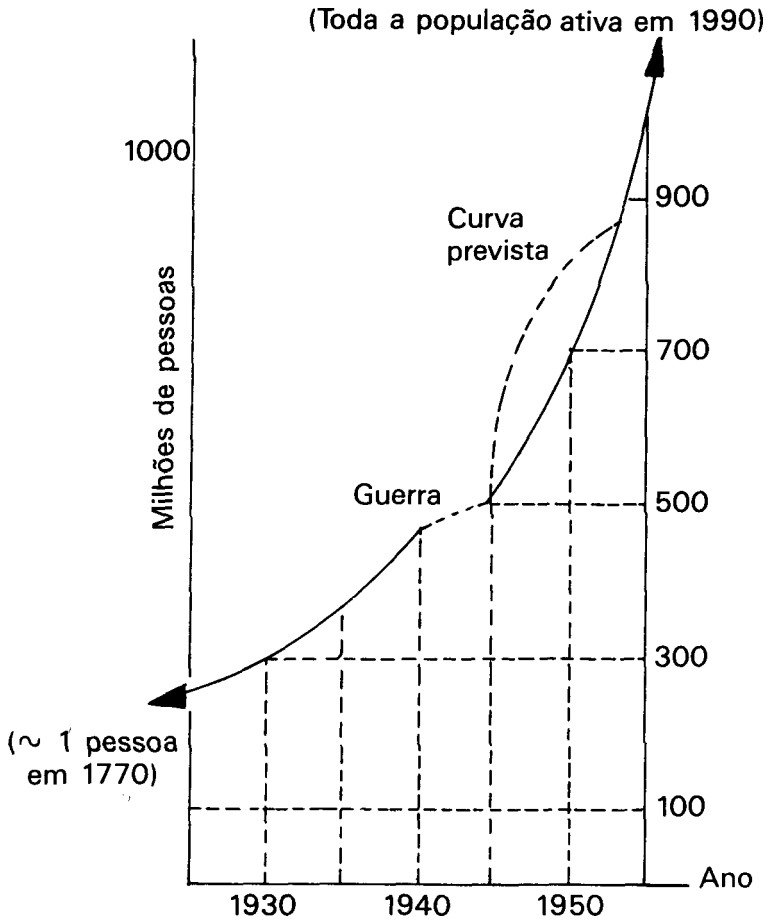


Figura 5

informação tem menos a ver com a preocupação de melhorar e expandir a tecnologia do que com o conteúdo da informação, o controle financeiro, a ética, o desvio de opinião, os problemas de segurança nacional e a responsabilidade das *mídias* para representar os interesses públicos. Os Estados Unidos deixaram recentemente de dar seu apoio à UNESCO; o Reino Unido ameaça fazer o mesmo; outros países desenvolvidos podem seguir o exemplo... A ruptura do diálogo norte-sul, já constatada na área política e econômica, ameaça acontecer de modo irreversível na área da transferência da tecnologia e da informação, do aproveitamento dos meios de comunicação, separando o planeta em novos blocos e dando origem a novas tensões entre as nações, de conseqüências difíceis de se prever, mas certamente não muito animadoras.

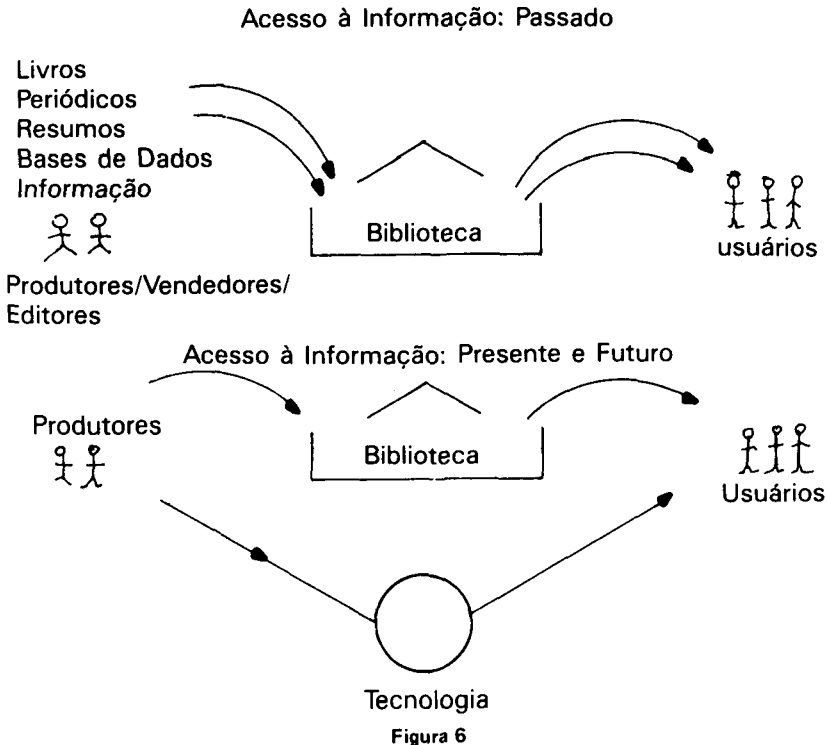


### 3. O PERFIL DO NOVO PROFISSIONAL DA INFORMAÇÃO NUMA SOCIEDADE INFORMATIZADA

Numa publicação já citada (5), o autor analisou a preocupação mundial em definir, num contexto sócio-econômico em rápida transformação, como consequência do advento das novas tecnologias, o perfil do novo profissional da informação, enfatizando a realidade brasileira, identificada através de artigos publicados em veículos de grande difusão.

Alguns outros trabalhos, também recentes, publicados em veículos especializados tanto no exterior (6), (7) como no Brasil (9)-(11), permitem completar a visão do perfil do novo profissional de informação.

A primeira idéia básica que deve ser assimilada pelos profissionais da informação é que, de acordo com Cronin (29), a biblioteca tradicional não será jamais o único canal de comunicação entre os produtores da informação e seus usuários. Como indica a figura 6, as novas tecnologias e os novos usos e costumes (publicações eletrônicas, informação sem papel, canais diretos de comunicação entre cientistas, etc.) impõem uma situação que exige a convivência (e a integração) das bibliotecas com outros sistemas.



A figura 7 mostra que a convergência dos sistemas integrados se apóia nos recursos que colocam à nossa disposição as novas técnicas de comunicação.

Ainda é Cronin quem nos sugere uma visão das profissões da informação em três níveis ou estratos: I) os auxiliares de bibliotecas; II) os bibliotecários e técnicos da informação tradicionais; e III) os bibliotecários com perfil de cientistas da informação.

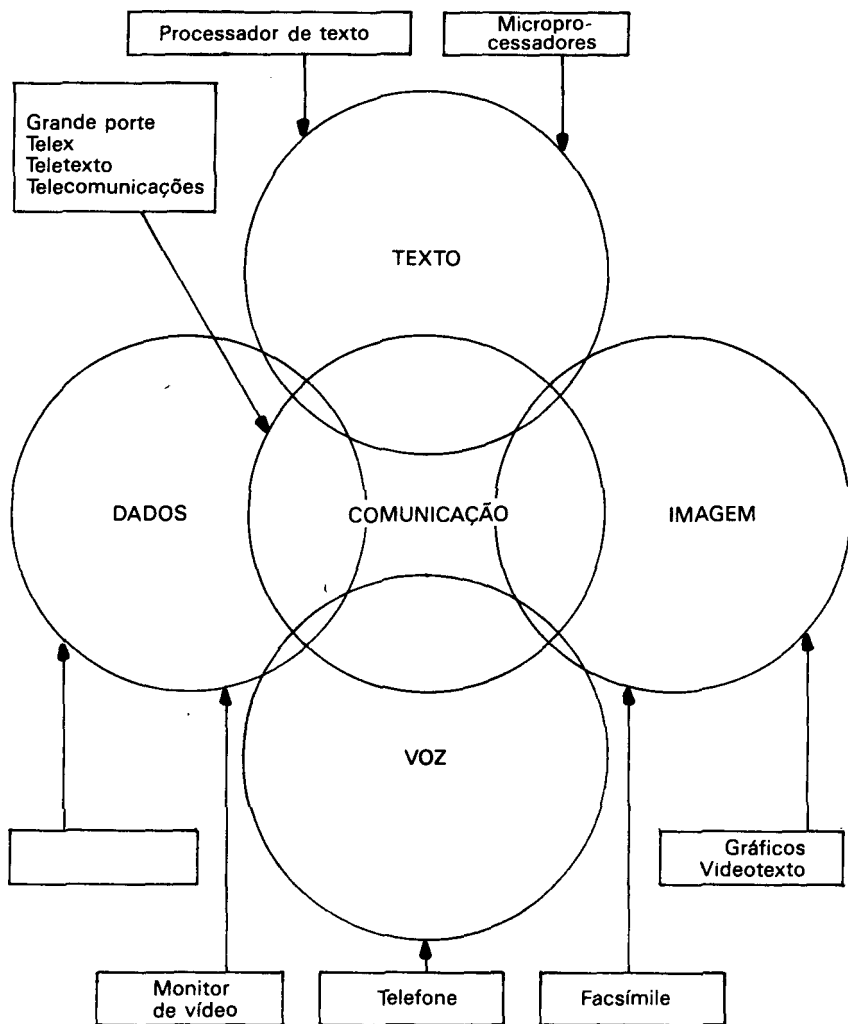


Figura 7 – Sistemas integrados: convergência.

Na representação da figura 8 pode-se observar que a terceira categoria — a mais adequada às realidades do futuro próximo — interage com os analistas de sistemas, com os gerentes de processamento de dados, com o pessoal com responsabilidades gerenciais nas áreas de serviços e de pessoal e com os gerentes e especialistas em telecomunicações.

Os estudos sobre tendências no mercado de trabalho dos profissionais da informação, recentemente realizados no Brasil, e mais particularmente no Distrito Federal (13), indicam a urgência de reforçar alguns aspectos particulares de sua formação, para atender às novas exigências que começam a se fazer sentir. São estes os aspectos: I) a aplicação dos recursos de processamento eletrônico de dados e de telecomunicações; II) as técnicas gerenciais; III) o desenvolvimento dos esquemas cooperativos com vistas à organização de redes; e IV) o desenvolvimento de técnicas de análise da informação e indexação.

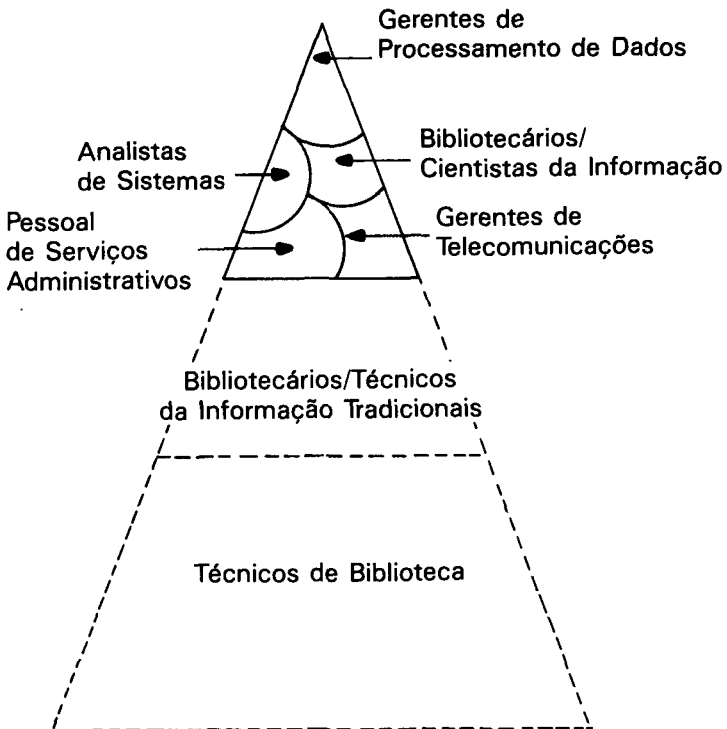


Figura 8 — A profissão da informação em três níveis.

Dentre as novas atividades — não todas evidentes *a priori* no quadro da biblioteconomia tradicional — que o profissional da informação poderá desempenhar num futuro próximo, algumas se encontram na figura 9.

- PLANEJADORES DE BASES DE DADOS
- ANÁLISE DE SISTEMAS DE INFORMAÇÃO
- INTELIGÊNCIA DA INFORMAÇÃO
- *MARKETING* DE BASES DE DADOS
- DESENVOLVIMENTO DE NOVOS PRODUTOS
- PROGRAMAS APLICATIVOS
- PROJETO E IMPLEMENTAÇÃO DE SISTEMAS DE VIDEOTEXTO
- ENGENHARIA DO CONHECIMENTO
- INTERMEDIARIOS DA INFORMAÇÃO
- ANÁLISE DAS COMUNICAÇÕES
- PESQUISA E DESENVOLVIMENTO EM INFORMAÇÃO
- GERÊNCIA DE SERVIÇOS DE DADOS
- GERÊNCIA DOS RECURSOS DE INFORMAÇÃO
- TREINAMENTO NA TECNOLOGIA DA INFORMAÇÃO
- GERÊNCIA COOPERATIVA DA INFORMAÇÃO
- CONSULTORIAS EM INFORMAÇÃO
- GERÊNCIA DOS REGISTROS
- PUBLICAÇÕES ELETRÔNICAS

Fig. 9 — O mercado invisível da mão-de-obra da informação

Todas estas constatações têm provocado, nos países avançados, e em menor grau no Brasil, mudanças na concepção dos currículos acadêmicos, que se refletem inclusive na mudança de nome das escolas de biblioteconomia para, entre outras, escolas de administração e informação, de estudos de informação, de biblioteconomia e documentação, de tecnologia da informação, de gerência da informação e, sobretudo, de ciências de informação (5). As reformas dos currículos acadêmicos (30) são, na maioria das vezes, tímidas demais, com conteúdos programáticos muito aquém das necessidades que já se fazem sentir no mercado de trabalho, o que parece resultar do excessivo conservadorismo dos órgãos que deferem a aprovação dos novos cursos.

Não se pense que este é um problema exclusivamente brasileiro, onde, antes de começar de fato a implantação do novo currículo mínimo de biblioteconomia, aprovado em 1982, para substituir o currículo mínimo anterior, vigente desde

1962, já se começa a discutir a necessidade de criar cursos de especialização paralelos, em áreas mais avançadas, para superar as deficiências da formação dos futuros profissionais. É dramaticamente significativo o surgimento, nos Estados Unidos, de um movimento de várias escolas no sentido de manifestar uma certa relutância com relação ao seu credenciamento pela American Library Association, e isso não porque o processo seja lento, custoso ou complicado, mas porque a conotação que a opinião pública atribui à expressão **associação de bibliotecas** esconde uma mensagem de inadequação e de desatualização pouco desejáveis (31).

Cronin (29) distingue três tipos de currículos, em função de sua flexibilidade e do seu dinamismo:

- I) Reacionários: são *contra a mudança*
- II) Receptivos: aceitam a mudança,
- III) Progressistas: gostam da mudança.

Pode-se transcrever aqui a opinião de Jerome Bruner a esse respeito, oportunamente lembrada por Cronin (29): "... a educação deve concentrar-se mais no desconhecido e especulativo, utilizando-se do conhecido e estabelecido como uma base para a extrapolação".

Um interessante exemplo das novas tendências do ensino, para os futuros técnicos da informação, é o Instituto Europeu de Gerência da Informação, criado em 1983 em Luxemburgo, com o apoio do governo e da Comunidade Econômica Européia (31). Quatro módulos ou áreas de concentração foram previstas até o momento:

- I) o meio ambiente da informação no que se refere em particular aos fatores econômicos, políticos, legais, regimentais e humanos;
- II) o planejamento e operação dos sistemas da informação;
- III) o *marketing* e os aspectos econômicos dos sistemas de informação;
- IV) a combinação das três linhas anteriores no contexto da organização.

Estará a Europa rompendo definitivamente com o ensino tradicional da Biblioteconomia? Em todo caso, é um exemplo a acompanhar de perto.

#### **4. PERSPECTIVAS DE EVOLUÇÃO DO CONCEITO DE BIBLIOTECA EM SETORES DE DIVERSOS NÍVEIS DE DESENVOLVIMENTO**

Vieira (10), na sua visão quase idílica da biblioteca, refere-se, no meu entender, à biblioteca pública, com vocação também da biblioteca escolar e antes de mais nada de espaço cultural e de intercâmbio para a população. Se desejo de todo o coração que esta visão se comunique aos governadores e aos prefeitos, para que, convencidos de que a cultura deve ser um dos principais investimentos de seus governos ou mandatos, incluam o apoio às bibliotecas como uma das prioridades de seus programas, acredito que devemos ir ainda muito mais longe na evolução de nosso conceito, de nossa visão futurista da biblioteca dos pobres e dos desamparados culturalmente. De fato, como seria a biblioteca dos cerrados, do sertão, do

agreste, da roça, do interior? Como seria, se nas áreas não urbanas se concentra uma população majoritariamente analfabeta? Carro biblioteca? Com que livros, se a população não sabe ler?

Neste ponto desejaria fazer uma profissão de fé ao afirmar que, para levar a cultura até os pontos mais remotos, precisam-se apenas de duas coisas, essencialmente: I) pessoas com espírito de bandeirantes da cultura; e II) instrumentos adequados.

As primeiras existem em abundância entre os jovens; os segundos poderiam ser bem mais simples (e menos custosos) do que pareceria à primeira vista. Imaginemos uma camioneta com tração nas quatro rodas (para não atolar), com um grande reservatório de combustível (para poder chegar bem longe, e poder voltar), com um gerador de eletricidade (para poder ligar os equipamentos em qualquer lugar), com um aparelho de TV (o Brasilsat leva agora os sinais a qualquer lugar do País), um aparelho receptor de rádio, um aparelho de som, um aparelho de leitura de videodiscos ou *video-tapes* e, eventualmente, um projetor de filmes e um projetor de *slides*. As enciclopédias em discos a raio *laser* ou em videodisco podem levar até os mais desfavorecidos, através da imagem e do som, novos conhecimentos básicos essenciais. Imaginemos programas cíclicos conjuntos, com apoio de vários ministérios, de diversas secretarias estaduais, para difundir conhecimentos sobre saúde, agricultura, nutrição, artesanato, etc. A sociedade informatizada engajada numa cruzada da cultura. Pelo menos, um belo sonho...

No outro extremo, parece mais fácil visualizar as futuras bibliotecas públicas e/ou municipais dos grandes centros urbanos, as bibliotecas escolares, as bibliotecas universitárias, as bibliotecas especializadas, já que, fatalmente, mesmo com as adaptações que a realidade brasileira venha a impor em cada caso, seguirão o caminho e o modelo de suas irmãs americanas e européias que, progressiva, e bastante rapidamente, vão entrando de cheio na era eletrônica. Parece interessante o artigo recentemente publicado na revista americana *Time* (32) sobre a substituição dos catálogos de fichas por bancos centrais de memória, aos quais se ligam modernos terminais, nas bibliotecas de todo o país. O fenômeno acelera-se à medida que aumenta a convicção de que, num futuro muito próximo, uma enorme quantidade de informação só será acessível via computador. "Os livros ficam. O que está acontecendo é um símbolo da coexistência pacífica do livro e do computador".

Por detrás do que se vê existe um esforço enorme de adaptação, de transformação, de normalização, para tornar possível o intercâmbio das informações entre as instituições, as quais se organizam em redes, compartilhando as tarefas e os recursos.

É particularmente significativo o aparecimento de novas publicações no setor, tais como *Information Technology and Libraries*, em 1982, e *The Electronic Library*, em 1983. A primeira vem dedicando uma atenção especialíssima a temas avançados, tais como os problemas da conversão de formatos para assegurar a

compatibilidade entre sistemas (33)-(36), o estabelecimento de redes cooperativas, para implementação de sistemas de catálogo em linha (37), (38), o controle de autoridades (39), a avaliação de diversos sistemas e equipamentos, a análise da expansão dos sistemas em linha na Europa, para não citar senão alguns exemplos. Já a segunda publicação apresenta-se como o periódico internacional para as aplicações de *software*, dos minicomputadores e dos microcomputadores nas bibliotecas, e nela foi publicado um trabalho de Masuda sobre o papel da biblioteca na sociedade da informação (40).

As futuras bibliotecas deverão, aproveitando a infra-estrutura nacional de telecomunicações (satélites, redes de transmissão de dados, telefone, etc.) e a presença da oferta de equipamentos nacionais (mini e microcomputadores), equipar-se cada vez mais e organizar-se em forma de redes cooperativas (catalogação cooperativa, catálogos em linha, empréstimo interbibliotecário, solicitação de cópias, etc.). Essa evolução, porém, não poderá realizar-se com todas as suas possibilidades enquanto os profissionais da informação não se familiarizarem suficientemente com as novas realidades, de forma a poder contribuir para o desenvolvimento de novos *softwares* de aplicação, adaptados a suas necessidades.

As novas bibliotecas universitárias e as bibliotecas especializadas deverão ter acesso direto às grandes bases de dados remotas, tanto em âmbito nacional como no exterior, devendo mudar assim, completamente, a filosofia da pesquisa bibliográfica e, inclusive, a política de aquisição de índices impressos e obras de referência.

A automação das tarefas gerenciais e administrativas (aquisição, empréstimo, circulação, etc. ) já é uma realidade em numerosas bibliotecas brasileiras, e sua generalização mais depende da mentalidade dos dirigentes do que das facilidades técnicas ou da disponibilidade de recursos.

Das bibliotecas do futuro, umas terão mais livros e periódicos do que outras, e algumas, talvez, não possuirão livro nenhum, funcionando como comutadores no complexo circuito de comunicação entre as fontes de informação e os usuários. O que é seguro é que, como em todos os setores da sociedade, as novas tecnologias não deixarão de se incorporar às bibliotecas e que, de acordo com as leis inexoráveis do mercado e da concorrência, as bibliotecas existirão na medida em que contribuam para satisfazer as exigências sociais, tecnológicas e culturais da sociedade em que se integram.

## 5. CONCLUSÃO

Dois grandes inimigos ameaçam de dentro o advento da sociedade da informação no Brasil. O primeiro constitui uma *patologia* generalizada em todos os países e se chama burocracia (41). Contra ela parece que existem dois remédios: um deles, terrivelmente drástico, mas bastante consolador para os especialistas da informação, é a crise econômica que, caso se comporte no Brasil como nos Estados

Unidos, deveria eliminar 1 de cada 10 trabalhadores dos setores que nada têm a ver com a informação, enquanto determinaria uma taxa de crescimento dos postos de trabalho, no setor de informação, de 3,5%; o segundo remédio parece que seria a organização de novas estruturas em forma de redes. Segundo McInnis (42), as redes diferem das burocracias em diversos aspectos:

- a autoridade tende a ser descentralizada e distribuída entre pessoas que dispõem da informação adequada, em lugar daquelas que ocupam funções designadas;
- as políticas e os limites tendem mais a ser fluidos do que fixos;
- o pessoal tende a relacionar-se entre si e com outros como iguais mais do que como subordinados ou superiores;
- os procedimentos tendem a se orientar para as pessoas tanto quanto se orientam para as tarefas ou as instituições;
- o estilo tende a ser mais sociável do que solene;
- a estrutura tende a ser antes policêntrica do que monocêntrica (v. fig. 10).

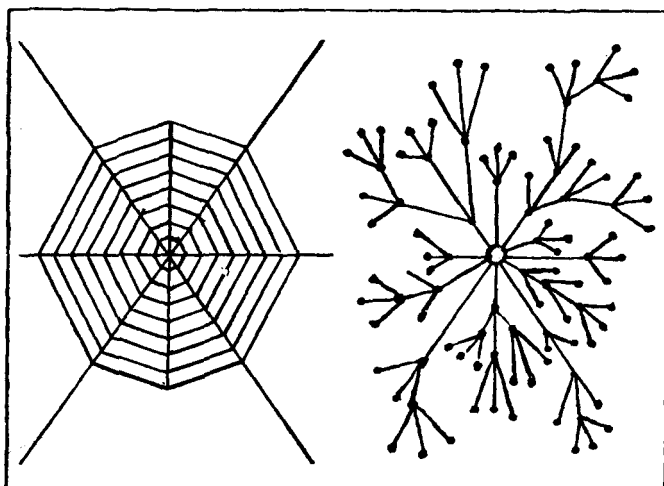


Fig. 10

O segundo inimigo é o desequilíbrio social, cultural e econômico entre o Brasil avançado e o Brasil deserdado. O remédio — acreditamos que o único possível — é a educação e uma justa distribuição dos recursos disponíveis.

Alguns fatores externos também se opõem à implantação equilibrada da sociedade da informação no Brasil. Dentre estes, cabe citar: I) a já aludida ruptura do diálogo entre o norte e o sul; II) a recente tendência à cartelização no setor da informação e das telecomunicações, nos Estados Unidos — que contrasta com uma atitude mais aberta da Comunidade Econômica Européia —, o que pode levar a um



enfraquecimento ainda maior das correntes da transferência dos conhecimentos e das tecnologias avançadas; III) os fatores políticos e ideológicos. Em relação a este último aspecto lembremos que, em represália à invasão da Embaixada Americana em Teerã, foi cortado o acesso do Irã às bases de dados MEDLARS. O remédio? O advento da chamada **sociedade pós-ideológica**, expressão que parece particularmente adequada para representar a situação em que vem se desenvolvendo a cooperação internacional em matéria de sistemas em linha, na Europa, onde os participantes interagem das formas mais variadas e complexas e onde a livre concorrência contribui decisivamente para o sucesso, atribuindo-se cada vez mais importância às questões práticas do que às ideológicas (31).

Se não trabalhamos neste sentido, tanto em nível interno como externo, de maneira a minimizar as diferenças que separam as diversas camadas de sociedade, e os diversos povos e nações, cabe temer que a sociedade informatizada só chegue para nós — ou para nossos descendentes — na plenitude da Era de Aquário, quer dizer, após os cataclismos planetários que, de acordo com os profetas pessimistas, deveriam ocorrer no alvorecer dessa nova era.

*Comunicação recebida em 30.10.85*

**Abstract:**

**Information and transformation: reflections about the future of the library**

Analyses the role of information in modern society as factor of power and development. Draws the profile of the new professional of information in the information society. Considers, with special attention, the evolution that the concept of library must suffer in sectors which present diversified levels of development.

**REFERÊNCIAS**

1. ANDERLA, G. **A informação em 1985**. Rio de Janeiro. Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, 1979. 210p.
2. TOFFLER, A. **A terceira onda**. Rio de Janeiro. 1980. 491p.
3. NORA, S. & MINC, A. **A informatização da sociedade**. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1980, 171p.
4. MASUDA, Y. **A sociedade da informação**. Rio de Janeiro, Editora Rio. 1982.
5. ROBREDO, J. **Informação e transformação**. Brasília, Associação dos Bibliotecários do Distrito Federal, 1984. 97p.
6. BECKER, J. An information scientist's view on evolving information technology. *Journal of the American Society for Information Science*. 35(3): 164-169, 1984.
7. CRONIN, B. Post-industrial society: some manpower issues for the library/information profession. *Journal of Information Science*. 7: 1-14, 1983.
8. CUNHA, M. B. da. O papel do bibliotecário na sociedade brasileira. *Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG*. 7(1): 7-26. 1978.
9. OLIVEIRA, Z.Ç.P. de. **Um estudo da auto-imagem profissional do bibliotecário**. Brasília, Universidade de Brasília, Departamento de Biblioteconomia. 1980. (Dissertação de mestrado).

10. VIEIRA, A. de S. Repensando a Biblioteconomia. *Ciência da Informação*. 12(2): 81-85, 1983.
11. ———. Mercado da informação: do tradicional ao inexplorado. *Revista de Biblioteconomia de Brasília*, 11(2): 177-192, 1983.
12. ———. Caminhos transdisciplinares para a função do bibliotecário. *Revista de Biblioteconomia da UFMG* :— 1983.
13. ROBREDO, J. et alii. Tendências observadas no mercado de trabalho dos bibliotecários e técnicos da informação, nas bibliotecas especializadas do Distrito Federal, e qualificações requeridas. *Revista de Biblioteconomia de Brasília*. 12(2): 123-147, 1984.
14. VITRO, R.A. The information engine — *Managing International Development* 1(1): 24-39, 1984.
15. POLKE, A.M.A. Subdesenvolvimento, dependência, tecnologia e informação. *Ciência da Informação*. 12(2): 3-19, 1983.
16. ROBREDO, J. Problemática de la implantación y operación de redes de información en los países en desarrollo. *Bol. Unesco Bibl.*, 30(5): 271-303, 1975.
17. SARACEVIC, T. Training and education of information scientists in Latin America. *Unesco J. Inf. Sci., Libr., Arch. Admin.* 2(3): 170-175, 1980.
18. ROSENBERG, V. The use of scientific and technical information in Brazil. Ann Arbor (Michigan), University of Michigan/School of Library Science. 1981.
19. CUNHA, M.B. da. Effects of data bases on Brazilian libraries. Ann Arbor, University of Michigan, 1982. 252p. (Ph. D. dissertation).
20. LEMOS, A.A.B. de. A transferência de informação entre o Norte e o Sul: utopia ou realidade? *Ciência e Cultura*. 33(2): 300-304, 1981.
21. PORAT, M.V. The information economy: definition and measurement. Washington, US Department of Commerce, Office of Telecommunication 1977.
22. FREUND. Impacto da tecnologia da informação. *Ciência da Informação*. 11(2): 17-22, 1982.
23. BILL, D. The social framework of the information society. In: FORESTER, T., ed. *The microelectronics revolution*, Oxford, Brasil Blackwell, 1980. p. 500-549.
24. PRICE, D. de Solla. *Science since Babylone*, 1962.
25. PRATT, A.D. Dissemination of scientific information by satellite. *Information Technology and Libraries*. 1(2): 140-142, 1982.
26. Publishers go electronic: and industry races to relearn the information business. *Businessweek*. 11 jun. 198, p. 84-97.
27. SIQUEIRA, E. E o Brasil na nova sociedade? *Folha de São Paulo*, 23 jan. 1985, p. 39.
28. HARRELL-BOND, B. & CADER, M. The new information order. *Universities Field Staff International Reports*. Hanover, Universities Field Staff International, 1983 (1983/ Nº 1. Africa/General(BHB-1-83). 15p.
29. CRONIN, B. Notas para un Taller sobre Desarrollo Curricular, realizado em Caracas. Patrocinado por la UNESCO. (18-29 jun. 1984).
30. MUELLER, S.P.M. & MACEDO, V.A.A. Proposta de um novo currículo pleno para o curso de Biblioteconomia da Universidade de Brasília, *Revista de Biblioteconomia de Brasília*, 11(2): 155-176, 1983. Currículo.
31. KOENING, M.G.D. The convergence of information politics. *Library Journal*. (109) 8: 863-866, 1984.
32. ELMER-DEWITT, P. Terminals among the stacks: Public libraries are moving into the electronic age. *Time*. 25 fev. 1985, p. 48.
33. RENAUD, R. Resolving conflicts in MARC exchange: the structure and impact of local options. *Information Technology and Libraries*. 3(3): 225-266, 1984.

34. Special Section: Retrospective conversion. *Information Technology and Libraries* 3(3): 207-292, 1984.
35. ATTIG, J. C. The concept of MARC format. *Information Technology and Libraries* 2(1): 7-17 e 1983.
36. CRAWFORD, W. The RLIN Reports System: a tool for MARC selection and listing. *Information Technology and Libraries* 3(1): 3-14, 1984.
37. SIEGEL, E.R. et alii. A comparative evaluation of the technical performance and user acceptance of two prototype on-line catalog systems. *Information Technology and Libraries* 3(1): 38-46, 1984.
38. PRICE, B. J. Printing and the on-line catalog. *Information Technology and Libraries* 3(1): 15-20, 1984.
39. LUDY, L.E. & ROGERS, S.A. Authority control in the on-line environment. *Information Technology and Libraries* 3(3): 262-266, 1984.
40. MASUDA, Y. The role of the Library in the information society. *The Electronic Library* 1(2): 143-147. 1983.
41. PORAT, M. Information workers bureaucracy. *Bulletin of the American Society for Information Science* 10(3): 15-17, 1984.
42. McINNIS, N. Networking: a way to manage our changing world? *The Futurist* 18(3): 9-10, 1984.